

بسم الله الرحمن الرحيم

**ORIENTALISMO'S WHAT WENT WRONG?**

**WWW?ORIENTAL-ISMO'S.ANT**

Etnoleituras Comparadas

Said, Edward. "Orientalismo". Lisboa. Cotovia. 2004

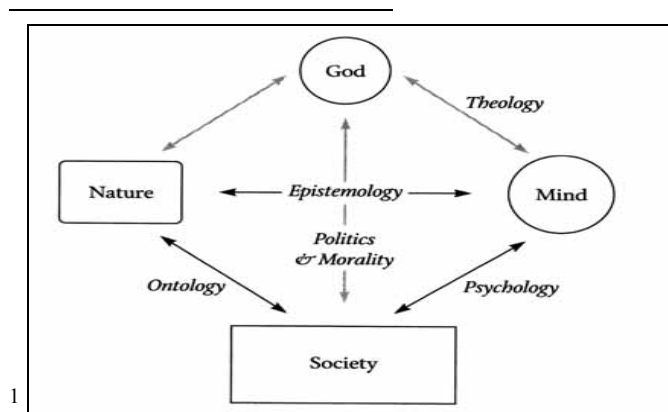
**&**

Lewis, Bernard. "What Went Wrong? : Western Impact and Middle Eastern Response".  
New York. Oxford University Press. 2002

Rolando Melo  
Mértola,  
1430 Hijri ربيع الثاني

O Orientalismo é parte de um problema que consiste na manutenção da Constituição Moderna<sup>1</sup>, como em grande medida se pode aferir do próprio processo semântico veiculado, i.e. da sufixação recorrente e quasi-sinónima de modernização. A –ismifixação (*a suffixismical machine*) do devir é, afinal, a pedra-de-toque da sistemática dualista da modernidade, pelo que quando em translação-tradução, o apod-ismo em questão tende a, necessariamente, cristalizar a fonte para melhor canibalizar ritualmente o termo outro agregador, notavelmente como em Oriental-ismo.

Debruçando-se ainda do paradigma modernista, os pós-prefixados em ilusão emancipatória não podem senão disseminá-lo, mesmo ou sobretudo e porque fragmentados criticamente. Nesta moldura de referência, a discussão entre Lewis e Said (o)põe representações orientalistas e pós-colonialistas em cena, assumidamente modernistas as primeiras – e pós- as segundas, com os diferenciais de militância que se conhecem, mas a mesma crença num apêndice-ismo, imperial ou humano, secular ou multicultural, sempre moderno.



A Constituição Moderna assenta em três+uma garantias-fundações paradoxais:

- 1- Apesar de construirmos a natureza, é como se não o fizéssemos;
- 2- Apesar de não construirmos a sociedade, é como se o fizéssemos;
- 3- Natureza e sociedade devem manter-se absolutamente distintas (purificação e tradução devem ser apresentadas como mutuamente exclusivas);
- 4- O Deus transcendente pertence ao foro íntimo, não mais interfere no foro exterior (espiritualidade reinventada).

(Latour 2000:37)

Embora em “Orientalismo” Said intuísse já que «talvez a tarefa mais importante fosse levar a cabo estudos sobre alternativas contemporâneas ao orientalismo, interrogarmo-nos como podemos estudar outras culturas e povos de uma *perspectiva libertária, não repressiva e não manipuladora*», como tal sendo preciso «*repensar todo o complexo problema de conhecimento e poder*» (cf. Said:27, minh’ênfases), a indexação modernista segue desperdiçando potenciais esforços etnográficos em prol da reprodução artificial de estéreis constatações sobre auto-indulgentes logros estendidos periodicamente.

Tratando com cosmovisões e mundovidências, a teoria-actor-rede abstém-se de votar – mas não de botar as trajectórias que o vernáculo descreve em mediações de colectivos de humanos e não-humanos, como tal mantendo que a enunciação dos actantes ela própria tome de seus termos a energia ligacional, não só apesar mas também a-pesar dos apesares entreabrindo as caixas negras de serviço.

Assim, atentando nas obras em comparada intentada recensão, buscar-se-á descrever as redes mobilizadas via evocação conceptual, da grande narrativa modernista à extensão crítica pós-modernista em directa recollecção.

### **Orientalismo segundo Said**

A atitude orientalista «tem em comum com a magia e com a mitologia o carácter autocontido de um sistema fechado que se reforça a si mesmo, no qual os objectos são o que são *porque* são o que são, de uma vez e para sempre, por razões ontológicas que nenhum material empírico pode desalojar ou alterar», “todos” seus recursos estilísticos – via Renascimento – em “presente gnómico” e “repetição e força”, “declarativos e auto-evidentes”, “sempre simétricos” mas “diametralmente inferiores a um equivalente europeu”. (Said 2004:81-3, ênfase do autor)

Filosoficamente, o orientalismo é uma forma de realismo radical, absolutamente anatómico e enumerativo de um ponto de vista retórico, psicologicamente sendo uma forma de paranóia (cf. Said 2004:83) que faz da verdadeira profissão do orientalista a

sacralização de desigualdades e paradoxos especiais auto-engendrados (v. Said 2004:175,176), estrutura objectiva (a designação do Oriente) e reestrutura subjectiva (a representação do Oriente pelo orientalista) tornando-se comutáveis: «o Oriente é esmagado pela racionalidade do orientalista; os princípios do primeiro tornam-se os do segundo.» (Said 2004:150)

Configurando um simulacro do Oriente materialmente reproduzido no e para o Ocidente, o sentido orientalista é «lexicográfico, bibliográfico, departamentalizado e *textualizado*» e é mediado por «códigos, classificações, casos de espécimes, revistas periódicas, dicionários, gramáticas, comentários, edições e traduções», «a obra de erudição orientalista, e não o testemunho pessoal ou o impressionismo subjectivo» sendo “a Ciência”. (v. Said 2004:194;224)

Latente – «positividade quase inconsciente»- ou manifesto – «visões expressas sobre a sociedade, as línguas, as literaturas, a história, a sociologia e por aí fora» - o orientalismo é, «como mecanismo cultural», «todo ele agressão, actividade, julgamento, vontade de verdade e conhecimento» (Said 2004:239-241), “oriental” não sendo mais que um tipo para o investigador erudito, como «o primitivismo *era* então intrínseco ao Oriente». (Said 2004:271, seu *itálico*)

Ora, contra esse «sistema estático de “essencialismo sincrónico” (cf. Talal Asad)» a que chamou perspectiva «por presumir que o conjunto do Oriente possa ser observado pan-opticamente» há, denota Said, uma pressão constante, da “narrativa”, que assume como afirmadora d«o poder dos homens para nascer, se desenvolverem e morrerem» e d«a probabilidade da modernidade e da contemporaneidade alcançarem e finalmente superarem as civilizações “clássicas”»<sup>2</sup>, mais assegurando que «o domínio da realidade pela perspectiva não passa de uma vontade de poder, uma vontade de verdade e de interpretação, e não uma condição objectiva da história» (Said 2004:281,282, meu sublinhado).

---

<sup>2</sup> Probabilidade esta que quando realizada por termos entretanto constatados como adversos motiva espécie de vontade de um regresso de um *standard* (um “clássico”?) não aprisionante: «Parece-me que devemos recuperar um lugar a que todos possamos pertencer sem nos confinarmos a estes guetos cheios de fronteiras, papéis e passaportes que nos aprisionam numa área relativamente pequena.» (v. Nezar Andary , “Beirut Hosts a Conference on Edward Said”, Al Jadid Vol. 3, nº20, Verão 1997)

Ao presente, «o orientalista é agora o representante da cultura ocidental», desferindo-se “a grande deslocação” como «de uma atitude académica para uma atitude *instrumental*.» (Said 2004:289, seu itálico)

Em suma, qual factura pós-modernista, para Said, uma questão de representações.<sup>3</sup> Sendo a “verdade” «em si mesma uma representação», comum para as representações é um «campo de acção definido para elas não apenas por um tema mas por uma história, uma tradição e um universo de discurso comuns», a diferença entre boas e más sendo de resto, «no melhor dos casos, uma questão de grau» (Said 2004:320, 321), no melhor dos casos se realmente empreendendo o *shift* do papel, da essência para o atributo, a qualidade, pois que pensar em termos de qualidade permite pensar em termos de graus – algo ou alguém pode ter muito, ou pouco, pode tê-lo por algum tempo e perdê-lo entretanto, como tão pertinentemente sugere Alan Campbell ness’outro horizonte etnográfico entre os Wayapí.<sup>4</sup>

### **Bernard Lewis – uma apresentação por Edward Said**

«(...) Bernard Lewis fez seu nome há quarenta anos como um especialista na Turquia moderna, mas veio para os Estados Unidos a meio dos anos setenta e rapidamente entrou ao serviço como um *Cold Warrior*, aplicando seu treino tradicional Orientalista a mais e mais largas questões com o objectivo imediato de um retrato ideológico do “Islão” e dos Árabes que servisse os tipos pró-imperiais e pró-Sionistas dominantes na política internacional dos Estados Unidos.» Tudo se resume, em sua perspectiva “cruamente Darwiniana”, a «confirmações da tendência Islâmica para a violência, a raiva, o antimodernismo», “estreiteza mental” e “predilecção pela

---

<sup>3</sup> Já em 1985 Mahdi Amil, de uma perspectiva Marxista, culpava o encontro do estruturalismo Foucauldiano com o nihilismo de Nietzsche de criar em Said uma absoluta inabilidade em acreditar em algo além da representação, o que negaria o pensamento revolucionário. (v. Nezar Andary, *op.cit.*)

<sup>4</sup> “Hence, when they say ‘Sora i-payé’ rather than translating that as ‘Sora is a shaman’ you’d better to say ‘Sora is shamanistic’. Similarly you can say that the anaconda, the various trees, and so on are all ‘shamanistic’. You’ve moved on from the role, from the essence, to an attribute, to a quality, which is found all round about you”. (Campbell:199)

escravatura”, suas noções “(difícilmente são ideias)”[!] fazendo com que «o real tema do livro» seja «o que correu mal com Lewis ele próprio: um assunto actual que não fabricado.»

Baseando-se quase exclusivamente em fontes Turcas, nota Said, flagrante a ausência de “demonstração” ou “documentação concreta” das atestadas “incapacidades Médio Orientais e Muçulmanas”: Lewis “desumaniza povos” em “slogans abstractos para propósitos de agressiva mobilização e belicosidade”<sup>5</sup>, quando «o estudo de outras culturas é uma busca humanística»<sup>6</sup>, não uma busca estratégica ou securitária», urgindo «pensar humanística e concretamente em vez de formular e abstractamente».

Edward Said,

“Impossible Histories: Why the Many Islams Cannot be Simplified”, Harper’s, Julho de 2002

### ***Entering Bernard Lewis’ “What Went Wrong?”***

A “Médio Oriente” não há engano na “crescente angústia”, na “montante urgência” e “posterior raiva fervente” com que tanto questões como respostas se expressam (Lewis 2002:3). Lá, portanto, particular, específica, localizadamente. Se «ao pico do poder Islâmico havia apenas uma civilização comparável em nível, qualidade e variedade de alcance: a China» (Lewis 2002:6), «de repente a relação alterou-se», pois que «mesmo antes do Renascimento»<sup>7</sup> os Europeus começaram a fazer progressos

---

<sup>5</sup> “Considera também que nenhum dos principais planeadores desta guerra, não certamente os chamados peritos como Bernard Lewis e Fouad Ajami, nenhum dos quais viveu ou chegou perto do mundo Árabe em décadas, nem o pessoal militar e político tipo Powell, Rice, Cheney, ou o grande deus Bush ele próprio, sabe nada sobre os mundos Muçulmano ou Árabe além do que vêem através de lentes Israelitas, ou [de] petrolíferas ou militares, pelo que não fazem ideia do que uma guerra desta magnitude contra o Iraque irá produzir para as pessoas que actualmente lá vivem.” (Edward Said, *Who’s in Charge? A Tiny, Unelected Group, Backed by Powerful Unrepresentative Interests* - 8 de Março de 2003 )

<sup>6</sup> Human-ismo-concreto ou Oriental-ismo-abstracto, a *escolha* que a Constituição Moderna prescreve – *democraticamente*, decerto - para estudar “outras culturas”.

<sup>7</sup> «Talvez tão cedo como no século XI», na leitura precoce de Robert Irwin em sua revisão de “What Went Wrong?” pelo Washington Post em 27 de Janeiro de 2002

significativos nas artes civilizadas. Com o advento da Nova Aprendizagem [?!], avançaram a olhos vistos, deixando a herança científica, tecnológica e eventualmente a cultural do mundo Islâmico bem para trás.» (Lewis 2002:7) Sendo o “Islão” uma «civilização que por mais de um milénio se havia acostumado a desprezar infieis e bárbaros de fora como não possuindo nada de valor algum a contribuir» e equivalente a “Médio Oriente”, pergunta hoje o que a “Europa Continental” perguntou ontem<sup>8</sup>: “Quem nos fez isto?” (Lewis 2002:22-3)

Já da génese especialista do Orientalismo, atesta Lewis, preside-lhe uma questão de “curiosidade”<sup>9</sup> em ligação aos “poderes Europeus” de observação e embaixada directa ao Oriente/às terras Islâmicas (Lewis 2002:26), vis-a-vis um conhecimento (“Islâmico”, claro) «para ser adquirido, guardado, comprado se necessário, em lugar de cultivado ou desenvolvido» (Lewis 2002:39). Dai graças, pois, diz-nos Lewis, «o liberalismo entusiástico e optimista do século XIX abriu uma saída no dique, através da qual primeiro

---

<sup>8</sup> Quem pergunta hoje o que foi perguntado ontem, deve à partida ao questionador primevo o reconhecimento de seu próprio carácter pioneiro, com tudo o que tal implica e que em tal é implicado. Como com a questão do reconhecimento de dado estado ter «direito a existir», trata-se assim de legitimar retoricamente factos que no terreno sob dualistas artifícios decididos estão de antemão em conformidade com a própria pergunta.

<sup>9</sup> Numa entrevista na qual sintomaticamente o editor alegava poder “Ariel Sharon encontrar encorajamento pela sua posição sobre a necessidade de vitória completa antes de qualquer gesto”, Lewis afirma que «...se fores a uma livraria em Israel encontrarás facilmente traduções da literatura Árabe e livros sobre a história Árabe e Muçulmana. Ao invés, se fores a uma livraria numa capital Árabe e procurares por livros sobre Israel, Judaísmo e até [?!] Cristandade (Christianity), praticamente só encontrarás propaganda. A curiosidade sobre o próximo (one’s fellow) é um fenómeno notavelmente (striking) ocidental. Em todas as grandes culturas, excepto na ocidental, a questão do próximo surge apenas na presença de uma ameaça.»

(“Bernard Lewis Unplugged” por Yaron London, entrevista publicada a 27 de Janeiro de 2002, v. [www.aish.com](http://www.aish.com), “cortesia [www.jewsweek.com](http://www.jewsweek.com)”, meus sublinhados)

Afinal, contextualiza Lewis, «no decurso do século XIX académicos Europeus e mais tarde também Americanos trabalharam no sentido de desenterrar, decifrar e interpretar as línguas enterradas e esquecidas e os escritos da antiguidade, e logo a recuperar ancião e glorioso capítulo da história. Estas actividades foram recebidas com incompreensão e suspeição por aqueles que não partilhavam e logo não podiam compreender este tipo de curiosidade.»

(Religions and the meeting of civilization por Bernard Lewis: “I’m Right, You’re Wrong, Go to Hell”, The Atlantic. Maio 2003, meus sublinhados)

um fio e depois uma enxurrada de novas ideias penetrou as até então fechadas elites Muçulmanas» (Lewis 2002:44), remontando sua “história moderna”<sup>10</sup> a 1798.

Sempre que aponta um exemplar condutor de alteridade – Islâmica-MédoOriental-Árabe, a hibridação, já se sabe, é deliberada -, portanto, Lewis não pode senão ostentar a “curiosidade” que fundamenta sua empreitada intelectual, devidamente compartimentalizada enquanto tal. O que se inventaria realmente, claro está, é a aparelhagem modernista nos seus termos, que são todos os estandartes que interessam no mundo moderno – “desenvolvimento económico e criação de trabalho, literacia e alcance educacional e científico, liberdade política e respeito pelos direitos humanos” (Lewis 2002:152) – contra os quais os demais se debatem, «o governo Anglo-Francês e a influência Americana, como as invasões Mongóis» tendo sido ou sendo «*uma consequência, não uma causa*, da fraqueza interior dos estados e sociedades Médio-Orientais.” (Lewis 2002:153, *minh’ênfase*)

Não obstante a páginas tantas de sua destilação orientalista - «No Ocidente, fazemos dinheiro no mercado e usamo-lo para comprar ou influenciar o poder. No Oriente tomamos o poder e usamo-lo para fazer dinheiro.» (Lewis 2002:63) – Lewis como que pareça reconhecer por momentos a equivalência moral dos supostos grandes divisores que nomeia [desta feita na variedade “Ocidente”-“Oriente”], a questão sobre *algo mais que modernidade* sugerida serve tão só o propósito estilístico de dar a vestir adiante (v. Lewis 2002:76;138) a Ocidentalização, como de a dar a ouvir<sup>11</sup>, de resto, outra roupa ou música ou “literatura filosófica e teológica discutindo a natureza do tempo” sendo “de pouco relevo ao presente dia”<sup>12</sup>. Que se acabe referindo que o

---

<sup>10</sup> «de acordo com uma convenção aceite pela maior parte dos historiadores da região», alega o autor em rara referência – mas completamente inconclusiva, já se vê - a seus supostos pares. (Lewis 2002:130)

<sup>11</sup> «...em toda a parte no Médio Oriente – excepto Israel – a música Ocidental, que é claro *Western art music*, encontra orelhas moucas. Ultimamente tem havido algum interesse na música pop e rock. Ainda é muito cedo para dizer o que pode isto predizer (portend).» (Lewis 2002:149)

<sup>12</sup> De “tempo” – dahr - dahriyya, seguidores de dahr, termo clássico usado pelos teólogos Muçulmanos para o materialismo em suas várias formas. Enunciam-se termos do outro, denuncia-se seu relevo, *curiosamente* ao tempo associando a única citação d’al-Qur’an patente em toda a obra. (v. Lewis 2002:131)



espaçotempo Islâmico é uma “banda” e que “as leis Islâmicas lidam com pessoas, não lugares” (Lewis 2002:122;127), é pois mera curiosidade, que o que interessa realmente é a “polifonia”-“sincronização” ser um “requisito da modernização” sinalizado na universalização do calendário Cristão na sua versão Gregoriana. (Lewis 2002:129)

Ainda que com tributária deferência ao “profeta de Princeton”, mesmo alguns dos subscritores tradicionais semi-inadvertidamente questionam já certas assunções de fundo do Orientalismo, como Baruch Kimmerling nas páginas do Haaretz – “Thus spoke Bernard Lewis”<sup>13</sup> – a 25 de Setembro de 2006 afirmando que «os académicos envolvidos no estudo do Islão e do mundo Árabe estão dispensados da necessidade de se familiarizarem com o conhecimento político e cultural acumulado nas ciências sociais durante as gerações passadas e suas análises e explicações são feitas dentro de bolhas fechadas», mais exemplificando com a falta de investigação comparando o “fundamentalismo” Cristão, Judaico e Islâmico e adiante lendo “os Árabes” como «divididos entre secularistas, fundamentalistas religiosos e crentes comuns que mantêm a tradição a diferentes níveis de rigor consoante a interpretação da autoridade religiosa local.» A este respeito, atente-se na leitura que Lewis faz do conceito de “fundamentalismo” vis-a-vis a leitura para a qual nos remete a propósito:

«Toda uma série de movimentos radicais e militantes Islâmicos, vaga e inadequadamente designados como “fundamentalistas” partilham o objectivo de desfazer as reformas secularizadoras do último século, abolindo os códigos de lei importados e os costumes sociais que com eles vieram e retornando à Lei Sagrada do Islão e a uma ordem política Islâmica. (...) «Na literatura dos radicais e militantes Muçulmanos o inimigo tem sido variavelmente definido. Por vezes é o Judeu ou Sionista, por vezes o Cristão ou

---

<sup>13</sup> Cujo surreal e revelador 1º parágrafo reza o seguinte: «A 22 de Setembro de 2006 era suposto o Irão atacar Israel e talvez todo o mundo Ocidental. E porque precisamente neste dia específico? Porque é o 27º dia do mês de Rajab (no ano 1427, de acordo com o calendário Muçulmano), o mesmo dia em que Mohammed ascendeu ao céu no seu lendário cavalo Buraq. E porque atacar neste dia? Porque tal foi o que o bem conhecido Orientalista Bernard Lewis disse. Podíamos ter posto de parte esta profecia e arreganhado os dentes não tivesse levantado uma discussão entre reconhecidos académicos, não a tivessem respeitados jornais (como o Wall Street Journal) publicado e não a encarassem estadistas como informação (intelligence) requerendo estudo.»

missionário, por vezes o imperialista Ocidental e por vezes – menos frequentemente – o Russo ou outro comunista.» Sobre esta segunda frase, em nota de rodapé, uma referência bibliográfica, uma das poucas<sup>14</sup> cedências do autor a referências minimamente contemporâneas e não-Turcas: Johannes J. G. Jansen, *The Dual Nature of Islamic Fundamentalism* (London:1997) Pois então, que natureza dual esta meta-referência veicula sobre tão “vaga e inadequadamente” designada cena “fundamentalista” [como se mais precisa se chamada de “radical” e “militante” (para mais “Islâmica”)]? (Lewis 2002:106-7, meu sublinhado)

Em entrevista com Jean-François Mayer – “Faraj and The Neglected Duty”, 8 de Dezembro de 2001 - Johannes J. G. Jansen diz não achar que um debate sobre a terminologia seja muito útil, comparando-se ao geólogo «que fala de dunas e rochas e não usa definições.» Definições são para malentendidos e «hoje observamos um movimento bastante visível que podemos referir e identificar usando o termo fundamentalismo», sendo que «os fundamentalistas praticamente espelham o carácter violento de suas próprias sociedades» e «o mundo Muçulmano, por razões muito tristes, é muito mais violento que as sociedades Cristãs ou Israelita.»

Nada de malentendidos, portanto, só variações sobre, termos auto-evidenciando-se em caixas negras de associações adversas – em perspectiva – e em eixo dual-ista (Arábico<sup>15</sup>-Muçulmano-Islâmico vs. Americano-Europeu-Israelita), a que se juntam – ismos a gosto; o fundamental, patente em “The Fundamentalism Project”<sup>16</sup> do citado Johannes J. G. Jansen, é que o fundamentalista - que é “maniqueísta” mas não quer “pejorativo” e, embora de tal se possa ter convencido a si mesmo, não é “tradicionalista”

---

<sup>14</sup> Na meia dúzia que se lhe segue citada em referência bibliográfica em termos cronológicos até à data de “What Went Wrong?”, além de seus “From Babel to Dragomans” (1999) e “A Middle East Mosaic: Fragments of Life, Letters and History” (2000), uma história monetária do Império Otomano por Sevkert Pamuk (1999) e uma edição Turca: Mustafa Hattı Efendi, *Viyana Sefaretnamesi*, ed. Ali İbrahim Savaş (1999)

<sup>15</sup> Em Árabe, ‘dual’ é categoria de número gramatical como ‘singular’ e ‘plural’, uma das muitas notas de rodapé vernacular que apetece fazer a todo o momento e que seriam no corpo do texto o que este não pode ser porque em banho de imersão autoral-ista e concomitantes diversões das alteridades efectivamente em questão.

<sup>16</sup> V. Martin E. Marty. “Too Bad We’re So Relevant: The Fundamentalism Project Projected”, [www.illumino.com/mem/selectPapers/fundamentalismProject.html](http://www.illumino.com/mem/selectPapers/fundamentalismProject.html)

- pensa “retomar” o poder em [seus] contextos sem programa “religiosecular pluralista e multicultural”.

Nada de malentendidos, portanto. Retome-se a deixa etnográfica (que deixa considerações e segue os actantes – eventualmente perdendo-se em aspas) para traçar redes sobre o “O Patriarca dos Islamicistas<sup>17</sup>” e seu “What Went Wrong?” – livro da semana da Jewsworld, 15 de Novembro de 2002<sup>18</sup> – estendidas a e por galvanizados leitores como Stephen Schwartz<sup>19</sup> aconselhando ao “mundo Muçulmano” não só um Leão XIII, como um João XXIII, um João Paulo II (“que procurou a reconciliação entre as fés Abraâmicas”), um “extraordinário filólogo e crítico” como Américo Castro e, titular – o que é mais – o [Bilderberg<sup>20</sup>er] Bernard Lewis, para o qual enquanto no Irão “em particular” de um ponto de vista “tradicional” “a batalha continua” (Lewis 2002:70), «a emancipação das mulheres é a pedra-de-toque da diferença entre modernização e

---

<sup>17</sup> Um “admissivelmente hipotético e improvável” “leitor Islamicista” de “What Went Wrong?”, segundo o Lewista Robert Irwin, alegará que a questão foi mal colocada: «São os Americanos e os Europeus quem deve perguntar-se o que correu mal com o Ocidente, onde superior tecnologia e riqueza andam de mão dada com arrogância, opressão, corrupção, pornografia, desregrada moral sexual, crescente crime de rua e o ocioso buscar de trivialidades. Quanto ao Médio Oriente, a maior parte dos seus problemas deriva da continuada intervenção Ocidental na região.» (“Anti Occident”, “What Went Wrong?” revisto por Robert Irwin, 27 de Janeiro de 2002, <http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A35153-2002Jan24?language=printer>)

<sup>18</sup> «...o trabalho de Lewis em geral e What Went Wrong em particular são necessários para qualquer leitor ansioso entender o grande combate no qual fomos lançados.» (frase final da sinopse em citação – <http://jewsworld.net/bin/en.jsp?enDispWho=Article^I139&enPage=BlankPage&enDisplay=view&enDispWhat=object&enVersion=0&enZone=Stories&>, meu sublinhado tentando traduzir, uma vez mais, a redução perspectiva e conformada em questão)

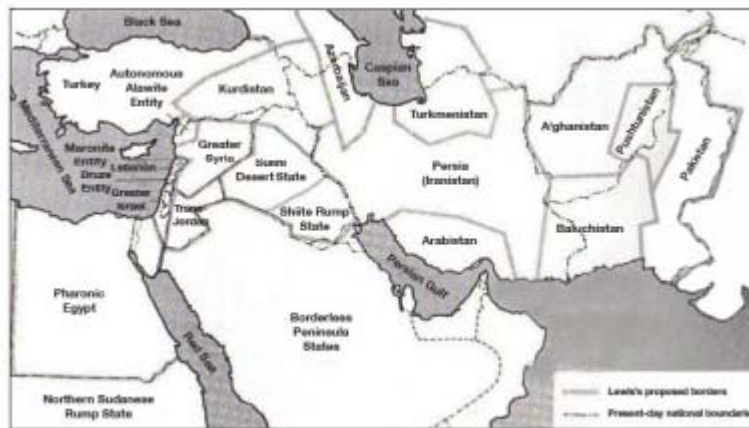
<sup>19</sup> Stephen Schwartz. “Islam’s Wrong Turns – The Muslims need a Bernard Lewis of their own”. National Review. 25 de Fevereiro de 2002, <http://www.thefreelibrary.com/Islam%27s+Wrong+Turns-a082757196>

Interessante o apontamento final anti-Saudita no último par de frases: «Os Sauditas estão contrariando (standing athwart) o progresso Islâmico em mais de uma maneira. Henrique VIII mudou a história Europeia e mundial quando negou ao papa o direito de decidir com quem devia casar; em contraste, novos líderes Muçulmanos podem mudar o seu futuro – e o da humanidade – uma vez que digam aos reis piratas da Arábia Saudita para remover suas enganadoras mãos dos lugares sagrados originais Islâmicos. Pedindo emprestadas as palavras finais do excelente último livro de Lewis, a escolha é deles.»

<sup>20</sup> V., p. ex., “O Plano Lewis de balcanização do Oriente Médio” - <http://educaterra.terra.com.br/voltaire/seculo/2006/07/19/001.htm> – cujo primeiro esboço foi, precisamente, por ele apresentado no Encontro do ‘Grupo Bilderberg’, em Baden, na Áustria, em 27-29 de abril de 1979; seu mapa consta da nota de rodapé nº 21.

Ocidentalização», pois que «tanto para conservadores tradicionais como para fundamentalistas radicais não é necessária nem útil mas sim nociva». Já o fundador da República Turca Kemal Atatürk «defendeu eloquentemente a total emancipação das mulheres no estado e na sociedade. Nossa mais urgente e presente tarefa, disse repetidamente a seu povo, é apanhar o mundo moderno» (Lewis 2002:72-3) , algo que o autor subscreve na íntegra, não fosse o Kemalismo ainda mais essa sua filiação, tranquilamente descartando a questão Arménia como ossos do ofício. Melhor, de resto, só mesmo esse “pequeno estado rodeado, superado em número e armas [!!!] por vizinhos que rejeitam seu próprio direito a existir” que “devia provar-se iluminante” (Lewis 2002:155)<sup>21</sup>.

Iluminante de Iluminista decerto, Lewis, que em mapeado



sonho. <sup>22</sup> divisa um Grande Israel fazendo fronteira com um “Egipto Faraónico” e mais que respeitado quer ser temido, considerando, não sem razão quanto à riqueza, que “não podes ser rico, forte e bem sucedido e ser apreciado”. (v. “Bernard Lewis Unplugged” por Yaron London)

<sup>21</sup> faltando-lhe só um “modelo constituinte Anglo-Americano” – v. “Israel’s Election System Is No Good”, The Wall Street Journal, 1 de Abril de 2009 para melhor alinhar seu sistema eleitoral nos estandartes do “Mundo Livre”.

<sup>22</sup> V. Andrew G. Marshall, Creating an “Arc of Crisis”: The Destabilization of the Middle East and Central Asia The Mumbai Attacks and the “Strategy of Tension” Part Two. <http://www.creative-i.info/?p=2761>

Mas se há quem<sup>23</sup> constate que Lewis, «após o 11 de Setembro<sup>24</sup> esteve entre as primeiras vozes proeminentes a pressionar por uma confrontação com Saddam» - ‘Andem com isso. Não vacilem’ – ou mesmo o activo papel *lobbyista* de sua própria descendência (seu filho Michael é o editor de “Activities Update” em indexação à AIPAC<sup>25</sup>), há também quem o ache “obviamente errado” por não compreender toda a “malvadez” de um Islão “medievalista” – Dhimmi Watch, 17 de Janeiro de 2007<sup>26</sup> – ou porque confunde “suicídio” com “martírio”, escondendo a exaltação do segundo “no Islão”.<sup>27</sup> Ou ainda quem, como Frits Bolkestein<sup>28</sup>, comissário Europeu para o mercado interno, o cite – a Lewis, claro - para alertar para o perigo Turco.

De facto, como Zahir Ebrahim muito bem regista em sua peça “Entre a Mobilização Imperial e o Islamofascismo”<sup>29</sup>,

---

<sup>23</sup> Michael Hirsh, “Bernard Lewis revisited: what if Islam isn’t an obstacle to democracy in the Middle East, but the secret to achieving it?” Washington Monthly, Novembro de 2004

<sup>24</sup> “11 de Setembro” de “9/11”, a extensão da data sem especificação de ano procurando traduzir a saliência do original tri-algarísmico.

<sup>25</sup> V. “Cheney on Bernard Lewis”, The New York Observer, 30 de Maio de 2006, <http://www.observer.com/node/33235>

<sup>26</sup> “Fitzgerald: Bernard Lewis and what he ignores”, <http://jihadwatch.org/dhimmiwatch/archives/014855.php>, de notar particularmente o comentário de “Jsobieski”.

<sup>27</sup> Andrew Boston, “Bernard Lewis on Jihad: Egregiously Misleading New Statements” - de “This Interview with Ruthie Blum”, Jerusalem Post, 6 de Março de 2008 – <http://www.andrewboston.org/blog/2008/03/08/bernard-lewis-on-jihad-egregiously-misleading-new-statements/>

<sup>28</sup> citado por Alain Gresh no Le Monde Diplomatique – “Malevolent fantasy of Islam”, <http://mondediplo.com/2005/08/16lewis>

<sup>29</sup> Zahir Ebrahim, “Between Imperial Mobilization and Islamofascism: Bribing the Maggots and the Soul Extractor”, 4 de Abril de 2009, [www.atlanticfreepress.com/news/1/9023-between-imperial-mobilization-and-islamofascism-bribing-the-maggots-and-the-soul-extractor.html](http://www.atlanticfreepress.com/news/1/9023-between-imperial-mobilization-and-islamofascism-bribing-the-maggots-and-the-soul-extractor.html)

De referir também a *Association for the Study of the Middle East and Africa*, de Lewis, Fouad Ajami, Victor Davis Hanson e George Shultz, alegadamente criada para contrariar a “crescente politização deste campos” com a “certeza que um seu entendimento corrupto é um perigo para a academia bem como para o futuro dos jovens que se propõe educar” – v. <http://www.motherjones.com/mojo/2007/11/chutzpah-bernard-lewis>

«Deve ser para todos evidente que hoje<sup>30</sup> é bastante trivial chegar aos favores da elite governante – tornar-se seu SHILL e balir o mantra do ‘Islamofascismo’, cavando fundo alguns aspectos arcanos mas deixando o próprio axioma intacto. Eventualmente seremos notados e talvez adquiramos uma cadeira no Hudson ou arranijemos emprego na RAND. No mínimo, seremos convidados para falar na JINSA e na Heritage, seremos publicados nas notícias dominantes e ganharemos variados benefícios tangíveis e intangíveis.»

\*

Reservando-nos a parêntesis rectos, a um par de sublinhando e aos lugares entre citações-traduições-translações «“aspas”» procuramos relevar a expensas próprias<sup>31</sup> leituras outras que são de rótulos referências correntes na feitura de grandes narrativas – na feitura da grande narrativa da modernidade. Se a tal *set* de reproduções falta realmente etnografia Islâmica capaz<sup>32</sup> de “descolonização conceptual” “em contextos em que o Islão está presente” [v. *call for papers*<sup>33</sup> para o painel nº21 do IV Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia], esvaem-se intentos p’la exibição das faraónicas

---

<sup>30</sup> Hoje, «pelo tempo que corre, como Atatürk reconheceu e os cientistas de computação Indianos e as companhias Japonesas de alta-tecnologia apreciam, a civilização dominante é Ocidental, Ocidentais estandartes definindo então a modernidade<sup>30</sup>, que «incorpora muitas modernidades prévias» (Lewis 2002:150)

<sup>31</sup> Mal disfarçadas em rodapé tantas vezes, dado o não-lugar das etnografias comparadas em questão (v. Marc Augé. Não-Lugares), do mais do mesmo composto refinado em dual-ismos, contem-se os **-ismos** à pála d’escrever [de] tais engenheiros meméticos e afira-se sua implantação discursiva vis-a-vis enunciados x-Islâmicos ou y-Muçulmanos ou ainda z-Arábicos ou μ Médio-Orientais em seus termos; se o que passa desses outros afinal é quase nada e seguimos passando assim somente sobre[s]-modernidades também, sirva a constatação d’Este em falta que não essencializa e antes dá baixa de -ismos em vernacular gerúndio.

<sup>32</sup> Capaz de actuais ligações Islâmicas; é *aqui*, nesta medida e em Mértola, do ‘Portugal Islâmico’, que o Movimento Mundial Murabitun, representa(n)do no ‘Festival Islâmico’, *também* pode ser tido etnograficamente em conta e em seus termos comparado. Afinal, do *ribat* de Granada, há recolecções Almorávidas de um Ocidente do Andalus que por Mértola não devem ser simplesmente abandonadas a descontinuadas e pretensamente apolíticas performances de turismo cultural: «o turismo em sua própria estrutura quebra a reciprocidade entre anfitrião e convidado. O turista é um parasita pois dinheiro algum pode pagar a hospitalidade. O verdadeiro viajante é um *convidado*. » (Hakim Bey, Overcoming Tourism)

«Ao invés, o organismo não manda sobre as moléculas nem a oração alinha os fonemas. Se o significado não está no fonema a sequência é incompreensível. Isto é verdade na oração, no homem e no organismo. Em todos os níveis se trata de significado – e este é anterior ao fonema, está no fonema, está no processo, está na nova fase.» (Shaykh Abd al-Qadir as-Sufi, 1977)

<sup>33</sup> [http://www.apantropologia.net/congresso2009/4congresso\\_paineis.asp](http://www.apantropologia.net/congresso2009/4congresso_paineis.asp)

estruturas da “Ciência” e de seus lentes veiculantes - *let alone indeed* o Islame<sup>34</sup> - termos contra os quais a Leitura adverte repetidamente

وَمِنَ النَّاسِ مَنْ يَشْتَرِي لَهْوَ الْحَدِيثِ لِيُضِلَّ عَنْ  
سَبِيلِ اللَّهِ بِغَيْرِ عِلْمٍ وَيَتَّخِذَهَا هُزُوًا أُولَٰئِكَ لَهُمْ عَذَابٌ مُّهِينٌ ﴿٦﴾

d'al-Qur'an, 31:6

e que o crente vernacular de coração (*heart and hearth, qalb wa din*) notará decerto nas traduções –ismificantes que se sobrepõem ostensivamente à própria Leitura, como a versão Inglesa resumida de At-Tabari, Al-Qurtubi e Ibn Kathir com comentários de Sahih Al-Bukhari por Muhammad Taqi-ud-Din Al-Hilali e Muhammad Muhsin Khan, que traduz-comenta o versículo 6 da Sura Trigésima Primeira, aqui tomado como exemplar, do seguinte modo:

«And of mankind is he who purchases idle talks (i.e.music, singing, etc.) to mislead (men) from the Path of Allâh without knowledge, and takes it (the Path of Allâh, the Verses of the Qur'ân) by way of mockery. For such there will be a humiliating torment (in the Hell-fire).»

Na tradução de J. P. Machado<sup>35</sup>, 31:5 -

«Um dos homens desta terra compra histórias fúteis para desviar os outros do caminho de Deus, mas não tem ciência; procura apenas com que se divertir. Para tais homens está preparado um castigo ignominioso.»

<sup>34</sup> Como bem traduziu – de *L'Islam et sa civilisation (VIIe-XXe siècle)* de André Miquel - Francisco Nunes Guerreiro, preferindo enfatizar em conformidade com o *mim* d'origem em lugar da habitual tradução em ditongo: v. “O Islame e a sua civilização : séculos VII-XX”. Lisboa. Cosmos, 1971.

<sup>35</sup> Que em nota de rodapé diz que este e o próximo versículo «parecem dirigidos a certo Nodar ben al-Harete, que trouxera da Pérsia a história das proezas de Rustém e de Isfendiar, dois dos mais famosos heróis daquele país. Lia-a aos Coreixitas, observando-lhes que superavam o *Alcorão* em valor e em interesse.»

Como facilmente se percebe, o risco de essencializar existe fruto dos pontos de assembleia modernistas que a pó(s) reduzem a criação a esquemas próprios, precisamente humanizados. Entre Said e Lewis muito pouco de Árabe, Muçulmano, Islâmico em seus termos; muito Médi'Oriental-Islam-ismo, sim, em críticas especial+istas deixas silenciando-se os actantes via colonização sufix-ista militante a vários graus de produção, purificação e tradução, das etnoleituras proporcionadas resultando claro que seus enunciados de poder descritivo podem diferencialmente mas dizem mais do mesmo que do *Outro* – e não tem que ser assim.

### **Referências Bibliográficas<sup>36</sup>**

\* Andary, Nezar. “Beirut Hosts a Conference on Edward Said”. Los Angeles. Al Jadid. Vol. 3, nº20. Verão de 1997

<http://www.aljadid.com/BeirutHostsaConferenceonEdwardSaidByNezarAndary000.html>

\* Bey, Hakim. Via <http://www.hermetic.com/bey/>

\* Campbell, Alan Tormaid. “Getting to know Waiwai”. London and New York. Routledge. 1995

\* Irwin, Robert. “Anti Occident”. Washington. Washington Post. 27 de Janeiro de 2002. <http://www.washingtonpost.com/ac2/wp-dyn/A35153-2002Jan24?language=printer>

---

<sup>36</sup> Todos os *links* acedidos-acessíveis em 25 de Abril de 2009, não omitindo-se aquelas referências que surgiram integralmente em corpo de texto ou pés de página.



\* Kimmerling, Baruch. “Thus spoke Bernard Lewis”. Haaretz. 25 de Setembro de 2006.  
<http://www.haaretz.com/hasen/spages/766430.html>

\* Latour, Bruno. “Jamais Fomos Modernos”. Editora 34. 2000 (1994)

\* Lewis, Bernard.

“What Went Wrong? Western Impact and Middle Eastern Response”. Oxford University Press. New York. 2002

“I’m Right, You’re Wrong, Go to Hell”. LOCAL The Atlantic. Maio de 2003.  
<http://www.theatlantic.com/doc/200305/lewis>

“Israel’s Election System Is No Good”, The Wall Street Journal, 1 de Abril de 2009.

<http://online.wsj.com/article/SB123854102203575623.html>

\* Marty, Martin E. “Too Bad We’re So Relevant: The Fundamentalism Project Projected”.

[www.illuminos.com/mem/selectPapers/fundamentalismProject.html](http://www.illuminos.com/mem/selectPapers/fundamentalismProject.html) - *Marty’s Stated Meeting Report to the American Academy of Arts and Sciences in 1995, at the conclusion of the 6-year Fundamentalism Project*

\* Mayer, Jean-François. “Faraj and The Neglected Duty”. Entrevista com Johannes J. G. Jansen. 8 de Dezembro de 2001.

[http://www.religioscope.com/info/dossiers/textislamism/faraj\\_jansen.htm](http://www.religioscope.com/info/dossiers/textislamism/faraj_jansen.htm)

\* Said, Edward.

“Impossible Histories: Why the Many Islams Cannot be Simplified”. Harper’s.  
Julho de 2002. <http://www.mtholyoke.edu/acad/intrel/crisis/said.htm>

“Orientalismo”. Lisboa. Cotovia. 2004

“Who’s in Charge? A Tiny, Unelected Group, Backed by Powerful  
Unrepresentative Interests”. Petrolia. Counterpunch. 8 de Março de 2003.  
[www.counterpunch.org/said03082003.html](http://www.counterpunch.org/said03082003.html)

\* as-Sufi, Shaykh Abd al-Qadir. (<http://www.shaykhabdalqadir.com/> )

Introdução à 1ª edição inglesa de *El significado del hombre* de Sidi ‘Ali al-Yamal.  
(tradução de Omar Ribas). 1997.

<http://www.cislamica.org/islam/cienciasdeldin/significadelhombre.html>